

BETAR & ARTES & LETRAS

#141 | MAIO | 2022

Ágora

Mark Bradford, em Serralves,
no Porto, para nos fazer refletir
e discutir a atualidade

B
Betar

B Desde 1973
na vanguarda
da engenharia

Ponte de Tete, Moçambique

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia n° 53, 2° Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Em Maio já se começam a fazer ouvir alguns festivais de verão. O North Music, que decorre na Alfândega do Porto, agora é JN North Festival e apresenta nomes como Ornatos Violeta, Linda Martini, Tricky, Capicua, The Jesus and Mary Chain, The Waterboys, GNR, David Fonseca, entre muitos outros. Mais tranquilos são os concertos de Stacey Kent, que promete muita bossa no CCB; do trombonista Joseph Alessi, que atua com a Orquestra Gulbenkian; e de Gisela João, que regressa num registo mais pessoal e intimista.

Na dança, “Les Ballet Trockadero”, de Monte Carlo, estão de regresso a Portugal com um novo espetáculo. No teatro, a Byfurcação recria “Dom Quixote de la Mancha” e no Teatro Aberto segue “Os filhos”, com encenação de Álvaro Correia e interpretação de Custódia Gallego, João Lagarto e Maria José Paschoal.

Ao nível de exposições, a Fundação Serralves, no Porto, sugere “Ágora”, de Mark Bradford, para nos fazer refletir e discutir a atualidade.

No cinema, destacamos os últimos dias do Indielisboa. Muitos filmes, de todos os géneros e nacionalidades, documentários e animações; masterclasses, conversas e muita música, decorrem até dia 8, nas salas habituais.

A entrevista deste mês é com o Arq. Rodrigo Sampayo, da OPENBOOK Architecture, que tem uma visão diferente da arquitetura e nos fala dos projetos e ideias inovadoras que tem desenvolvido com a sua equipa multidisciplinar.

BETAR

A BETAR participou no projeto de reconversão de um edifício industrial, das décadas de 30-40, num edifício de escritórios, onde a volumetria e algumas fachadas foram preservadas

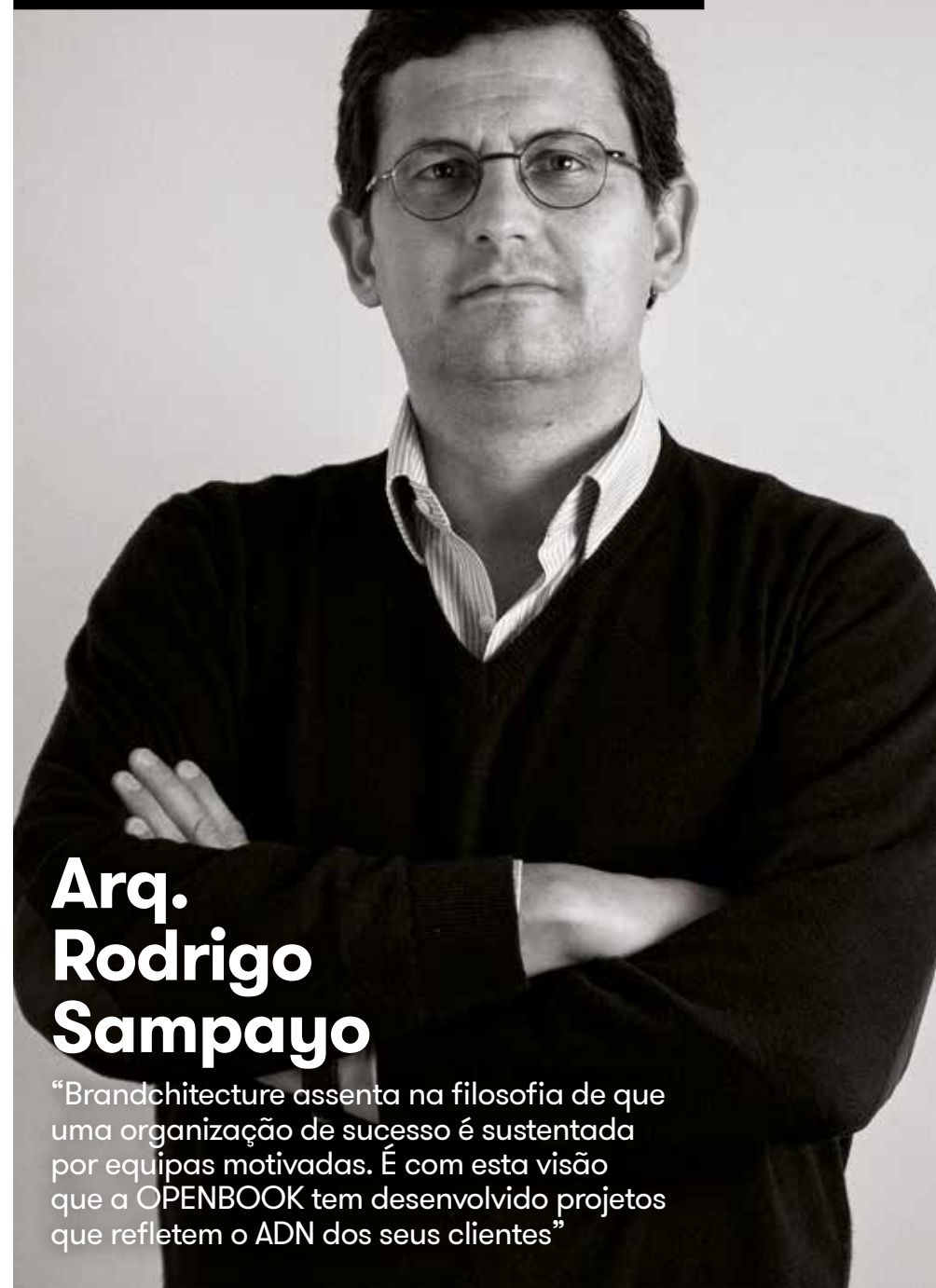


O conjunto edificado era constituído por uma nave central de duplo pé-direito, galerias laterais e cobertura metálica de asnas de desenho muito ligeiro. A esta nave juntavam-se 2 edifícios, em considerável estado de degradação. Um foi demolido e outro reconstruído. O edifício industrial formou um edifício de 3 pisos acima do solo e 1 piso em cave. Um volume monolítico foi integralmente reconstruído, com alguns dos materiais originais, mantendo a geometria e traça. O edifício com entrada pelo Largo Conde Barão tem 5 pisos acima do solo e aproveitamento do desvão da cobertura. As estruturas são em betão armado ou pré-esforçado. Na zona da receção, de maiores vãos, adotaram-se soluções de estruturas metálicas e mistas, em aço-betão. As fundações são do tipo direto, por pegões de betão simples. Foi criado um ensoleiramento geral para a estanquidade do edifício.

Edifício da Fidelidade, Sede da Vieira de Almeida, em Lisboa

Projeto: 2019
Obra: 2021
Área Bruta de Construção: 11500m²
Dono de Obra: Fidelidade - Property Europe, S.A.
Arquitetura: OPENBOOK Architecture / PMC Arquitectos
Especialidades: Fundações e Estruturas; Escavação e Contenção Periférica (Geotest)

À CONVERSA COM



Arq. Rodrigo Sampayo

“Brandchitecture assenta na filosofia de que uma organização de sucesso é sustentada por equipas motivadas. É com esta visão que a OPENBOOK tem desenvolvido projetos que refletem o ADN dos seus clientes”

Gostaria que começasse por falar do início do seu percurso.

Quando terminei o liceu pensei em ir para arquitetura, mas como sempre gostei muito de tecnologia, e também por influência familiar, acabei por ir para o Instituto Superior Técnico. Rapidamente me apercebi que tinha feito uma má opção e mudei para arquitetura. Fiz todo o curso a trabalhar e no 4o ano surgiu a oportunidade de me juntar ao João Cortes e a outro colega para criarmos juntos um pequeno atelier, com um projeto que nos foi entregue pelo antigo Presidente da Câmara de Lisboa, Dr. Nuno Krus Abecassis. O projeto foi a Fundação Cidade de Lisboa no Campo Grande.

Em 2007 fundou a OPENBOOK Architecture, com João Cortes. Com que propósito e perspetivas começou este projeto?

O João Cortes tem-me acompanhado ao longo de toda a nossa carreira profissional. Em 2007 chegámos à conclusão de que a nossa visão para a arquitetura passava por um projeto diferente, mais empresarial, onde os arquitetos se dedicassem à arquitetura, deixando toda a atividade administrativa e de gestão para os especialistas. Daí surge a criação da OPENBOOK, à qual se vieram juntar o Pedro Pires e o Paulo Jervell. Houve também uma visão estratégica ligado ao tema do BIM, que nos fez tomar um caminho diferente. Na altura, a minha equipa e a do João foram pioneiras na utilização dessa tecnologia, desde 2003.

Dois anos depois, já estavam a expandir-se

para o Brasil e hoje OPENBOOK é um atelier de arquitetura multidisciplinar, com 46 pessoas.

Em que consiste a vossa visão estratégica?

A nossa visão estratégica consiste em fornecer aos nossos clientes um serviço da maior qualidade e o mais completo possível, que seja um valor acrescentado, pelo que desenvolvemos um conjunto de competências muito abrangentes. Essas competências vão desde o apoio à decisão como consultores, desenvolvimento dos projetos, até ao interiorismo e decoração dos espaços, esta última através da NOBK, marca criada em janeiro de 2021 para o efeito.

Definem-se pelo conceito inovador de “Brandchitecture”. Quer explicar esta filosofia?

Brandchitecture é uma metodologia da OPENBOOK para o desenvolvimento de projetos de arquitetura corporativa, aplicando as mais recentes tendências estéticas e funcionais do setor. O processo assenta na filosofia de que uma organização de sucesso é sempre sustentada por equipas motivadas e envolvidas. Neste contexto, a otimização e valorização humanista dos espaços de trabalho são alguns dos elementos fundamentais para a promoção de ambientes de elevada produtividade. O processo é sustentado por uma análise da cultura, da visão, dos valores, da marca, das formas de interação humana, do modo de funcionamento operacional, dos objetivos de desempenho e das metas financeiras. É com esta visão holística que a equipa da OPENBOOK tem desenvolvido



projetos que refletem a criação de espaços de trabalho com o “ADN” dos seus clientes.

Passemos da filosofia, às provas dadas. A OPENBOOK já desenvolveu muitos projetos de referência, designadamente escritórios, que pretendem potenciar o bem-estar dos colaboradores e a produtividade. Pode desenvolver?

Diria que os nossos projetos são, acima de tudo, pensados para ir ao encontro das necessidades de quem habita os espaços que desenhamos. Na área corporativa, as tendências atuais estão muito focadas na flexibilidade dos espaços e na performance e bem-estar das pessoas. Os novos escritórios são espaços cada vez mais preparados para modelos híbridos de trabalho, resultantes dos modelos adotados durante a pandemia e que em muitos casos se irão manter. Espaços que privilegiam o trabalho colaborativo e os espaços sociais, e estão focados em criar as condições ótimas de bem-estar e produtividade. Mais do que nunca, os escritórios procuram ter espaços atrativos, idealmente com zonas verdes e áreas de lazer. Um exemplo que gostamos de dar é o da renovação do Campus Nestlé, que teve por objetivo estimular um sentido de comunidade e de interação com a natureza. O Campus tem cerca de

22.000m2 e no exterior foram projetadas diversas zonas de lazer, uma pista de jogging, hortas e uma Garden Box, que se traduz num edifício modular e versátil com várias zonas de trabalho colaborativo, que atrai as pessoas para o exterior e introduz uma nova dinâmica de trabalho.

Que outros segmentos da arquitetura têm vindo a trabalhar?

O core do nosso trabalho está repartido pelas áreas de residencial, turismo e lazer e corporativo, mas trabalhamos todas as áreas da arquitetura. Para além disso, criámos recentemente a marca NOBK, que vem reforçar a nossa aposta nas áreas de design de interiores e mobiliário.

Depois de tantos projetos inovadores, considera que ainda há mais para “inventar”? Qual a vossa visão para o futuro?

Há sempre espaço para criar e inovar, e a arquitetura nisso é uma profissão muito gratificante. Na OPENBOOK estamos focados em desenhar espaços de qualidade que transformam a vida das pessoas, e a nossa visão para o futuro passa por aí, aliada a uma preocupação constante nas tendências e necessidades que vão surgindo e numa aposta clara no talento criativo e competência técnica da nossa equipa.

SUGESTÕES

Teatro, exposições, dança, filmes, masterclasses e muita música... tudo acontece em Maio, um pouco por todo o país. A Artes&Letras destaca alguns eventos que decorrem em Lisboa e no Porto. Espreite

TEATRO



Dom Quixote de la Mancha

“Dom Quixote de la Mancha” é uma famosa obra do espanhol Miguel de Cervantes que a Byfurcação decidiu recriar. A história passa-se em La Mancha, onde o herói, um fidalgo de triste figura, entrega-se à leitura de romances e - porque acredita que tenham sido historicamente verdadeiros - decide tornar-se um cavaleiro andante. Vai deambulando por Espanha, a viver o seu próprio romance de cavalaria, enquanto procura dar justiça às injustiças. Como todos os grandes cavaleiros, tem um corcel digno - Rocinante - um escudeiro não tão submisso - Sancho Pança - e uma amada inatingível - Dulcineia del Toboso.

FINS DE SEMANA DE MAIO

Auditório Carlos Paredes
Criação e interpretação: Byfurcação Teatro

TEATRO

Os Filhos

Hazel e Robin são um casal de físicos reformados. Mudaram-se para uma pequena casa depois de um acidente na central nuclear onde trabalhavam. Procuram manter as rotinas e levar uma vida tão normal quanto possível. Um dia recebem a visita de Rose, uma antiga colega, que lhes vem propor um regresso ao trabalho para repararem os danos causados pelo acidente. Esta peça problematiza a responsabilidade de cada indivíduo pelas escolhas que faz, e propõe uma reflexão sobre aquilo que cada um poderá fazer para melhorar a vida dos outros e proteger o planeta dos perigos que o ameaçam destruir. **EM MAIO**



Teatro Aberto
Encenação: Álvaro Correia
Interpretação: Custódia Gallego, João Lagarto e Maria José Paschoal

CINEMA



IndieLisboa - Festival Internacional de Cinema'22

A edição de 2022 do IndieLisboa traz, novamente, dezenas de filmes e documentários, entre longas e curtas-metragens, mais de 250 filmes de todos os géneros e nacionalidades, autores de renome e talentos emergentes. Como habitualmente, o festival conta com o IndieJúnior, que inclui filmes de animação e ficção. Além das LisbonTalks, onde acontecem masterclasses e conversas, o festival prolonga-se pela noite fora com o IndieByNight, com temas relacionados com os filmes da secção IndieMusic. Destaque ainda para as Retrospectivas e Focos e para a Competição Nacional com filmes que têm, na sua maioria, a primeira apresentação mundial. Não perca os últimos dias do festival, que já está a decorrer nas salas habituais. **ATÉ 8 DE MAIO**

Cinema São Jorge,
Culturgest, Cinema Ideal
e Cinemateca Portuguesa

MÚSICA



Stacey Kent

DIA 6 DE MAIO NO CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA

Stacey Kent dispensa quaisquer apresentações. É uma artista muito acarinhada pelo público português, enchendo salas onde quer que atue, devido à sua simpatia e ao bom domínio da língua portuguesa. Muita bossa é o que os fãs esperam da cantora, bem como mais um espetáculo memorável!

Joseph Alessi e Orq. Gulbenkian

DIAS 12 E 13 DE MAIO, NA FUND. CALOUSTE GULBENKIAN, LISBOA

O trombonista Joseph Alessi ousou perguntar a Chick Corea se aceitaria escrever-lhe um concerto para trombone. O convite resultou numa soberba criação, "A Stroll". Alessi e a Orquestra Gulbenkian apresentam essa e outras duas peças: "West Side Story" e "Um Americano em Paris".



JN North Festival

DIAS 26, 27 E 28 DE MAIO NA ALFÂNDEGA DO PORTO

O North Music agora é JN North Festival. Abre com Ornatos Violeta, Linda Martini, Zen, Paus, Paraguaii e Pedro da Linha. Dia 27: Tricky, Capicua, Domingues, T-Rex e Cassete Pirata. A encerrar, The Jesus and Mary Chain, The Waterboys, GNR, David Fonseca, Keep Razors Sharp, Moullinex & Xinobi e DJ Vibe.



Gisela João

DIA 13 DE MAIO NO CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA

Gisela João editou "AuRora", em 2021, gravado entre Lisboa e Barcelona. Este é o seu registo mais pessoal e intimista, com canções essencialmente originais e onde partilha a autoria das letras com outros artistas. Gisela João estreia-se também na composição ao lado de grandes nomes nacionais.



DANÇA



Les Ballet Trockadero de Monte Carlo

Uma das mais fascinantes companhias de bailado do mundo está de regresso a Portugal com um novo espetáculo. Composta só por homens, porque "dançar em pontas não os assusta", "Les Trocks", nome pelo qual são carinhosamente conhecidos, aliam a mestria do ballet com o humor. A companhia nasceu há 45 anos e rapidamente conquistou o público com a apurada técnica e graciosidade de movimentos dos seus bailarinos. No seu repertório estão os clássicos mas também originais, já que eles "dão conta de todos os papéis". A subtileza e os gestos delicados, comuns neste tipo de dança, são reproduzidos de forma admirável pelos corpos musculados. Um espetáculo diferente, ideal para quem não percebe de ballet e absolutamente imperdível para quem acha que conhece os clássicos.

DIA 4 DE MAIO
Coliseu do Porto Ageas
DE 6 A 8 DE MAIO
Teatro Tivoli BBVA

ARTES



Ágora

Mark Bradford é reconhecido como um dos nomes que melhor definiu a pintura das duas últimas décadas e usa a sua linguagem pictórica para falar de temas universais. Recorrendo a materiais do quotidiano e ferramentas, o seu trabalho baseia-se no entendimento de que todos os materiais e técnicas estão impregnados de um significado que antecede o seu aproveitamento artístico. Através desta abordagem, Bradford tem tratado questões cruciais do nosso tempo, como a epidemia de SIDA; a homossexualidade; o racismo sistémico nos Estados Unidos; e mais recentemente, a crise decorrente da Covid-19. Centrada na produção artística de Bradford dos últimos três anos, a exposição apresenta uma nova série de pinturas, tapeçarias e trabalhos sobre papel, num espaço de reflexão e discussão da atualidade. **ATÉ 19 DE JUNHO**

Fundação de Serralves,
Porto

MOÇAMBIQUE

ARTES

Musambique Instituto Camões - Centro Cultural Português, Maputo

Esta é uma mostra coletiva dos artistas portugueses Manuela Pimentel e João Alexandrino que, desde 2019, estão a trabalhar em obras inéditas inspiradas em Moçambique.

A exposição conta com o apoio da Galeria This Is Not A White Cube e com a especial participação do poeta, dramaturgo e tradutor Daniel Jonas. O trabalho de Manuela Pimentel desenvolve-se em diferentes áreas e práticas artísticas como a pintura, o desenho, a cenografia e o vídeo. João Alexandrino, também conhecido como JAS, cria também em diferentes campos como a instalação, a performance, o vídeo, a pintura, cenografia e o desenho.

ATÉ 7 DE MAIO



ARTES



Circenses Galeria Arte de Gema, Maputo

O desejo de reinvenção e de renovação, constantes do ser e das ideias, assume o tema principal de "Circenses". Trata-se de uma exposição individual onde o artista Luís Sozinho nos procura guiar numa meditação sobre diferentes preocupações sociais que enfrentamos enquanto indivíduos, enquanto "alguéns" ou "ninguéns" que constituem a sociedade, os países... São narrativas humanas metafóricas, propostas por Luís Sozinho, numa poética plástica. Em "Circenses", o artista navega entre a iconografia da dança, do circo, das máscaras, dos fantoches, da cor... **ATÉ 10 DE MAIO**



VIAGEM

Angkor Wat: Um cenário surreal

Uma única fotografia de Angkor Wat fez-me querer ir ao Cambodja. E, nesse momento, eu não tinha noção de que o que iria encontrar era algo que nenhuma fotografia pode descrever. Trata-se de um dos locais de construção humana mais incríveis do planeta. O maior complexo de templos religiosos do mundo, de arquitetura Khmer do século XII.

Antes da tão aguardada visita, chegámos a Siem Reap, cidade totalmente preparada para a exploração deste tesouro do país. Uma volta a pé pelas ruas conduziu-nos a alguns templos budistas e hindus, e a um grande mercado onde uma fruta estranha nos despertou a curiosidade: “rambutan”, ouvimos dizer, depois de apontar para que nos metessem alguns num saco. Delicioso!

Foi no dia seguinte que rumámos, de tuk-tuk, até à entrada de Angkor. Apesar de termos lido que o nascer do sol era incrível, preferimos evitar as centenas de pessoas que ali se aglomeram aos primeiros raios de sol e, talvez por isso, toda a visita decorreu tranquilamente. A entrada é grandiosa, no entanto, os mais de 100 templos que existem dali para dentro, em diferentes estados de conservação, viriam a revelar uma sumptuosidade indescritível.

Os edifícios são exuberantes, as esculturas minuciosamente detalhadas, as janelas criam lindas molduras e os monges que por ali se passeiam elevam, mais ainda, o misticismo daquele lugar. Mas se tudo isto já impressiona, nunca imaginei que pudesse existir algo como as árvores de Angkor Wat. Algumas têm mais de 500 anos e as suas imensas raízes continuam a crescer, num abraço apertado às ruínas do Templo de Ta Prohm. Um cenário absolutamente surreal!

por Cátia Teixeira



OPINIÃO

A Dádiva

Antes de abordar a obra, vou contextualizar a autora. Toni Morrison, para além de ter sido a primeira mulher afro-americana a vencer o Prémio do Nobel da Literatura, em 1993, destacou-se por ter passado a vida a reafirmar a necessidade de uma linguagem a partir do ponto de vista de uma Mulher Negra!

Nesse sentido, em “A Dádiva”, Morrison conduz-nos a um dos lugares mais desconfortáveis da sociedade humana, a época da escravatura, “obrigando-nos” a entender a situação quase a partir de dentro...

Na América do Norte, nos finais do século XVII, um comerciante, Jacob, aceita uma menina negra, de nome Florens, como pagamento de uma dívida. Só por esta premissa, a história tinha tudo para ser dura, cruel e pesada, mas a escritora consegue atribuir-lhe alguma leveza, através de uma escrita bela e poética. À partida, tudo separa Jacob e Florens, desde questões sociais e religiosas até, e sobretudo, aos preconceitos raciais daquela altura – e que, vergonhosamente, foram perdurando até hoje. Mas o livro vai para além do espelho das guerras entre negros e brancos na América, uma vez que Morrison explora os vários tipos de sujeição, incluindo a da paixão, e procura transmitir uma verdadeira consciencialização da importância do respeito e da igualdade. Trata-se de uma obra cativante, com frases soberbas, ideias intrigantes e muito rigor histórico, que apetece ler devagar e sentir cada palavra. Um labirinto de sentimentos e emoções com descrições perturbadoras e poderosas, que testemunham a complexidade da palavra Liberdade.

Um livro por Cátia Teixeira



B
Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

Ponte de Caia, Moçambique